

Bancos podem cancelar as linhas de curto prazo

Tratamento dado à questão da dívida inquieta credores do País

PAULO SOTERO
Especial para o Estado

WASHINGTON — O ex-governador Fernando Collor de Mello e o deputado Luiz Inácio Lula da Silva enfrentarão um problema imediato a menos na área econômica, depois que um deles for eleito para a Presidência da República, se esclarecerem rapidamente suas respectivas posições sobre a dívida externa, especialmente no que toca os US\$ 15 bilhões das linhas de crédito de curto prazo.

O clima de incerteza que, na previsão de banqueiros, marcará o período entre a eleição e a posse do novo presidente, poderá levar os credores a iniciar um movimento de não-renovação dessas linhas, que financiam, em sua maior parte, operações comerciais.

Embora simpatizem com Collor e não com Lula, como seria de se esperar, funcionários do governo americano e executivos de bancos credores disseram ao *Estado* nas últimas semanas que não vêem diferenças substanciais quanto aos efeitos práticos das posições publicamente assumidas pelos dois candidatos sobre o tratamento a ser dado à questão da dívida.

Se a proposta de suspender os pagamentos e realizar uma auditoria, avançada pelo candidato do PT, foi obviamente mal recebida, as idéias de retirar a garantia federal dos empréstimos e descentralizar as negociações com os credores externos, avançadas pelo candidato do PRN, também causaram inquietação. Embora os credores acreditem que o diálogo ficaria mais fácil com Collor, eles temem que a ausência de uma articulação política clara que sustente o ex-governador poderia torná-lo, na Presidência, prisioneiro das mesmas pressões que immobilizaram o governo Sarney.

A secagem gradual das linhas de curto prazo agravaría o quadro de instabilidade econômica interna que, na visão dos credores externos, qualquer dos candidi-

dados, mas principalmente Lula, enfrentará no período de transição até a posse. Esse quadro de instabilidade, acreditam eles, será alimentado pela expectativa que as propostas parecidas de renegociação da dívida interna, defendida pelos dois candidatos, criará entre os investidores overnight à medida que se aproxima o dia da posse.

O rápido crescimento da candidatura de Lula nesse final de campanha aumentou a ansiedade entre banqueiros e funcionários dos departamentos de Estado e do Tesouro que vinham, como a maioria dos analistas políticos brasileiros, prevendo uma vitória razoavelmente folgada do ex-governador de Alagoas. No Departamento do Tesouro Lula é visto como inimigo da economia de mercado.